

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UNIRIO**

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

**ANÁLISE DO DISCURSO: A POLISSEMIA NA SALA DE AULA
NA PERSPECTIVA DOS DISCENTES**

Antonio Farias da Silva

Rio de Janeiro – RJ

2022

Antonio Farias da Silva

**ANÁLISE DO DISCURSO: A POLISSEMIA NA SALA DE AULA
NA PERSPECTIVA DOS DISCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura.

Orientadora: Doutora Luciana Paiva de Vilhena Leite

Rio de Janeiro – RJ

2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
1.1 TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO	Error! Bookmark not defined.
1.2 JUSTIFICATIVA	Error! Bookmark not defined.
1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....	Error! Bookmark not defined.
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	Error! Bookmark not defined.
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	8
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1. INTRODUÇÃO

Na prática de sala de aula, o professor tem meios de realizar seus processos de ensino e contribuir para o fenômeno da aprendizagem. O Componente curricular responsável pelo ensino de Leitura revela que é a partir dela que os conteúdos vão sendo sedimentados e que o processamento do que se considera 'aprendizagem' acontece.

Vale destacar que a aprendizagem da leitura não é unanimidade apenas dessa área de saber, mas interfere na aprendizagem de outros componentes curriculares da educação básica.

O ato de ler auxilia nos processos aquisitivos de informações, melhora a escrita e ainda contribui para que o estudante traga reflexões acerca de suas próprias leituras. Percebemos, assim, que a escrita e a leitura são importantes para a aprendizagem dos alunos do ensino básico.

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar de que maneira estudantes da educação básica interpretam os textos que a eles chegam na escola (ou até fora dela). Buscamos perceber, a partir de leituras e interpretações textuais, como esses estudantes percebem, em especial, o recurso léxico-semântico da polissemia como catalisadora da interpretação de textos.

Buscando perceber a influência da educação conteudista na compreensão dos estudantes em relação aos conteúdos que acessam, esta pesquisa parte do pressuposto de que a leitura é fundamental para o contínuo letramento dos educandos.

Nesse sentido, entendemos que, ao ser desafiado a partir do ensino da leitura e do estímulo a múltiplas interpretações, o estudante consegue perceber aspectos polissêmicos dos textos e realizar operações parafrásticas. É claro que é necessário que isso tudo depende da postura do docente que, ao invés de impor uma interpretação única, estimule as várias possibilidades semióticas do aluno, possibilitando que ele se torne um autêntico leitor, com autonomia e criticidade. Assim, a principal hipótese da pesquisa é: será que a polissemia,

enquanto recurso linguístico-discursivo, é responsável por ampliar a capacidade de interpretação dos estudantes?

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, p.27) já concebiam, na formação educacional escolar, um lugar para formar “cidadãos autônomos, críticos e participativos”, de modo que eles fossem capazes de “atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem”. Para isso, é preciso questionar as práticas de ensino dos professores de Língua Portuguesa e Literatura e encontrar caminhos que possibilitem mudanças nesses paradigmas educacionais. (PCN, BRASIL, 1997, p. 27).

Orlandi (1995), por exemplo, destaca dois percursos para as leituras textuais, sendo elas: polissêmica e parafrástica. A primeira, polissêmica, caracteriza-se pela extrapolação dos sentidos preconcebidos nas interpretações dos textos. Isto é, a leitura polissêmica permite ir além do texto e ter sentidos diferentes dele.

A partir da leitura polissêmica, por exemplo, pode-se dar aula a partir da intertextualidade, que se define como o uso de textos de várias áreas, podendo ser é escrito implícita ou explícita.

Quanto à leitura parafrástica, por outro lado, podemos dizer que essa prática interpreta e aceita o significado que o texto tinha proposto. Isto é, o leitor vai ao encontro do texto, aceitando o que ali fora estabelecido. Sendo opostas, neste caso, a leitura polissêmica e a leitura parafrástica são ótimas como metodologias a serem usadas em sala de aula (ARAÚJO, 2009).

Esta pesquisa se justifica pela importância do tema na área de formação de profissionais de Letras - Língua Portuguesa e Literatura, pois a análise de discurso permeia os campos acadêmicos, mas transcende essas fronteiras, indo para o ensino básico, sendo, portanto, importante desde os processos iniciais de letramento das pessoas até mesmo a nível superior de formatura.

Este trabalho se inscreve na área de Análise do Discurso, mas concentra-se na avaliação da categoria linguístico-discursiva da polissemia, buscando avaliar a percepção dessa estratégia pelos discentes. Assim, o objetivo geral da

pesquisa é estudar o fenômeno, à luz da referida área de estudos, a partir de leituras e interpretações de textos jornalísticos. Como objetivos específicos, buscamos: a) estudar como os professores podem utilizar a interpretação e leitura textual na educação básica; e b) destacar as diferenças existentes entre a leitura polissêmica e leitura parafrástica.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho tem abordagem qualitativa, a partir da elaboração de um material que será aplicado em duas turmas da educação básica.

O material será elaborado a partir de jornais publicados e disponíveis em acervos digitais dos jornais filtrados. Sendo o jornal em questão "O Globo - Segundo Caderno – Página 1 –, trata-se de uma Reedição digital publicada em 22/06/2022, porém sua primeira impressão foi em 21/03/2005.

Como observado na imagem a seguir, o Segundo Caderno destaca notícias sobre literatura e sobre músicas, uma das grandes razões de ter escolhido esse texto, que é intitulado "A mágoa do mago", do escritor Paulo Coelho. Essa página 01 do Segundo Caderno, além de um texto sobre Paulo Coelho, enfoca uma entrevista com aquele autor, porém, para a atividade junto com os alunos, será focado apenas o texto sobre ele: A mágoa do mago, ficando de fora a entrevista.



Figura 01: Página 1 do Jornal O Globo, Segundo Caderno

Fonte: O Globo, 2022.

O texto a ser usado (A mágoa do mago) fala um pouco do livro publicado por Paulo Coelho e destaca algumas relações suas com críticos, entre outros. Esse texto usa uma escrita polissêmica, a partir, especialmente, da construção de metáforas, que aludem a um universo que, muitas vezes, extrapola o conteúdo do próprio texto, como o fato de o autor ser chamado de 'MAGO', por exemplo.

A seguir será destacado o texto extraído da página um do Segundo Caderno (O GLOBO, 2022, p. 01):

O fenômeno espiritual que dá título ao novo livro de Paulo Coelho, "O Zahir" — lançado ontem em todo o mundo — é uma idéia extraída de Jorge Luis Borges, num conto homônimo. O inquietante Banco dos Favores, através do qual o protagonista, um escritor, trava suas relações com a fama, é uma idéia célebre de Tom Wolfe, em "A fogueira das vaidades". A parábola de Fritz e Hans, num mundo dominado pelo Reich, é pinçada de "Ishmael", de Daniel Quinn. O conceito de "esquecer a história pessoal" para resgatar o saber genuíno é velho conhecido dos leitores de Carlos Castañeda. A esse caldeirão de idéias emprestadas (e creditadas numa nota no fim do livro) Paulo Coelho adiciona suas visões sobre o matrimônio e a infidelidade, passagens autobiográficas mansas, ditos populares, notas de viagem, arroubos confessionais sobre o tédio do *jet set* literário, insultos aos repórteres (retratados como tolos e robóticos) e farpas escolhidas para ferir os críticos. Ante a expectativa de vender oito milhões de exemplares, o escritor, em entrevista por telefone — de sua casa em Tarbes, nos Pireneus franceses — jura que não é feliz. "Sou apenas um guerreiro que vive um dia após o outro."

Figura 02: texto extraído do jornal O Globo, intitulado: A mágoa do mago

Fonte: O Globo, 2022.

Esse texto escolhido tem muitas características polissêmicas, que é uma estratégia, que pode ser definida, do ponto de vista lexical, como a capacidade de um vocábulo apresentar várias significações. Muitas vezes, esse fenômeno é denominado ambiguidade ou 'duplo sentido', mas entendemos a polissemia por um procedimento mais amplo, uma vez que há palavras que podem apresentar muito mais do que dois sentidos em português.

Ao analisar bem o texto, notamos que se usa a figura de Paulo Coelho como um autor que trabalha temáticas voltadas ao exotérico e à espiritualidade. Além do mais, o jornalista aposta numa seleção lexical peculiar, como a

construção sintagmática 'fenômeno espiritual', adjetivos, como 'tolos e robóticos', a expressão 'farpas escolhidas' no sentido de 'ferir, atingir' e em adjetivos qualificadores do próprio autor, como 'guerreiro' e 'mago'. Outras expressões, todas metafóricas, são usadas pelo articulista, como 'despeja(r) mágoa', 'o tempo é o senhor da razão' e 'queima(ram) a língua', entre outros. Como se pode notar, é interessante que, a partir de um texto de cunho jornalístico, podemos construir atividades didáticas que estimulem a percepção metafórica do estudante. Curiosamente, nosso objetivo também é demonstrar que o discurso jornalístico também está a serviço das multissemioses, contrariando o pensamento de que se trata de linguagem neutra, referencial e não metafórica.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A Análise do Discurso

Afinal, o que vem a ser a Análise do Discurso? Essa área pode ser definida como um campo a partir do qual discursos são analisados, levando-se em conta aspectos que transcendem o plano da frase em direção a aspectos que envolvem: 1) a relação entre os interlocutores; 2) um gênero discursivo e 3) uma situação comunicativa.

Há inúmeras abordagens no estudo da Análise do Discurso (AD) e não nos cabe aqui levar a cabo cada uma delas. Vamos nos ater, então, a alguns aspectos referentes a categorias de língua (uso de adjetivos, construções metafóricas etc.) para investigar de que maneira essas categorias são usadas no discurso, de modo que os estudantes percebam, em especial, o uso da polissemia. Em outras palavras, pretendemos observar as construções polissêmicas usadas pelo articulista e como essas construções são interpretadas/compreendidas por estudantes.

Carcamo Morales (2018) afirma que o discurso é parte da construção linguística atado a contextos sociais, nos espaços em que os textos podem ser desenvolvidos. Isto é, as concepções que constituem a base discursiva do texto

podem ter fortes influências diretas político-sociais e também ideológicas. Ou seja, em um texto podem-se encontrar marcas das realidades vividas pelos seus autores. Assim, é importante dizer que não se trata apenas de análises textuais, mas sim, de análises dos discursos, que são análises contextualizadas, historicamente situadas dentro de estruturas linguístico-discursivas.

M. Foucault (2019, p. 08), em sua obra a "Ordem do Discurso", destaca que os discursos são produções com fortes características sociais. Assim, conforme aquele autor, "a sociedade que promove o contexto do discurso analisado é a base de toda a estrutura do texto, atrelando, deste modo, todo e qualquer elemento que possa fazer parte do sentido do discurso".

Portanto, a nível de Análise de Discurso, um texto ganha sua maior capacidade (de comunicação), quando seus leitores conseguem compreender o que está sendo dito (MAGALHÃES, 2019). Desta maneira, o entendimento do texto depende da forma com que o autor constrói seu dizer.

Ainda nos dizeres de Magalhães,

As práticas discursivas geram também outros âmbitos de análise do discurso, como o Universo de Concorrências, que consiste na competição entre vários emissores para atingir um mesmo público alvo. A partir disto, os emissores precisam inteirar-se do contexto da vida do seu receptor, para que deste modo possam interpelá-lo segundo sua própria ideologia, fazendo com que, assim, sua mensagem seja recebida e assimilada pelo receptor sem que o mesmo perceba que está sendo alvo de uma tentativa de convencimento, por assim dizer (MAGALHÃES, 2019, p. 04).

Extrapolando o texto escrito, podemos dizer que existe também o discurso estético, que se utiliza de imagens e convida o interlocutor a usar sua "sensibilidade" aguçando os sentimentos dos seus "leitores". Podemos perceber essas estratégias como análogas ao discurso verbal, porém, que os afetam em nível estético (sensível), sendo vistas como bom meio de transmitir mensagens (FERNANDES; VINHAS, 2019).

Portanto, através da análise de discurso, independente se verbal ou estético, o mais importante é atingir os sentidos dos seus receptores ou leitores. Vale destacar que, para pesquisadores como Fernandes e Vinhas (2019), não existem discursos absolutos, fixos, por diversas razões, tais quais: contextos,

estéticas, ordens dos discursos e suas formas de construções, pois os significados dos discursos são transpor a outros mensagens e contemplar seus maiores objetivos que é permitir as diversas maneiras de compreensão do fenômeno de linguagem.

3.2. Polissemia como estratégia de leitura

A polissemia se caracteriza como uma estratégia linguístico-discursiva que permite uma gama de significados atribuída a um vocábulo. Isto é, uma palavra polissêmica detém relações de sentidos e isso a diferencia de palavra homônima (MEDIOTTE; EMMENDOERFER; OLIVEIRA, 2020).

Fazendo um paralelo com o fenômeno lexical da homonímia, percebemos que este se refere ao uso de palavras que têm origem etimológica distinta e forma gráfica e/ou sonora igual. Quanto à polissemia, ela mantém conexões com suas palavras e sentidos, isto é, suas representações são mantidas, por exemplo: os anéis de Saturno e os anéis de casamentos. Mesmo com sentido diferentes, as palavras ainda mantêm seus significados de origem (VITALI *et al.*, 2019).

No que se refere à maneira de trazer a Análise do Discurso para a sala de aula, defendemos a ideia de que essa área de estudo favorece o contato com muitos textos e gêneros e pode ser usada como ferramenta eficiente no ensino de leitura e, conseqüentemente, de interpretação nas aulas de português.

Mas, quando surgiu a Análise do discurso? Qual é sua importância? Ela surgiu em 1960, período em que o discurso foi transformado em objeto teórico, a partir de M. Pêcheux. Conforme Souza (2014, p. 4):

Essa disciplina foi criada relacionando três outras regiões do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Contudo, na AD, há uma mudança de perspectiva dessas três áreas do conhecimento. Por exemplo, em AD, estuda-se a língua como materialização do discurso e não a linguagem de forma abstrata, como comumente se vê na linguística formal. Além disso, para a constituição da teoria, deve haver uma “conversa” com o marxismo pela materialização da ideologia pela linguagem, observando sempre o inconsciente, em diálogo com a psicanálise, que desloca a noção de homem para a noção de sujeito. Essas são as três regiões de conhecimento que constituem a Análise do Discurso. A AD trata, então,

do discurso, que é seu objeto teórico, pensando-o como a palavra em movimento, a prática da linguagem na qual se observa o homem falando.

Dessa forma, a leitura e a interpretação andam juntas, as duas são feitas simultaneamente, pois quando alguém está lendo, também está interpretando. É importante salientar que a Análise do Discurso não é apenas leitura e interpretação. Ela não é uma 'ferramenta', mas uma área. De acordo com Orlandi (2012, p. 50), a "leitura é uma questão linguística, pedagógica e social ao mesmo tempo", ela não fica limitada apenas aos escritos.

Desta maneira, a autora lança uma concepção interessante e direta sobre esse ponto anterior. Para aquela autora, tanto as leituras quanto as interpretações ocorrem em dois níveis de linguagens: verbal e não-verbal. Acerca disso, é possível perceber que

A relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via - a verbal -, ele opera com todas as formas de linguagem não apenas como transmissão de informação, mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão (ORLANDI, 2012, p. 50).

Levando em consideração a interpretação e a leitura, à luz da Análise do Discurso, alguns autores afirmam que a "leitura que fazemos objetiva explicitar como a emergência de um texto pode trazer à tona sentidos já existentes no âmbito do interdiscurso" (CAZARIN, 2006, p. 299).

Em outras palavras, é no ato de ler que os alunos já começam a realizar interpretações, visto que "no momento da leitura já ocorre a interpretação", porquanto "o interdiscurso, que é a relação de um discurso com outros já existentes, constitui uma memória que nos leva necessariamente a interpretar" (SOUZA, 2014).

É importante pensar a partir desse conceito de interdiscurso, pois, através dele, é possível resgatar sentidos que serão sistematizados, conforme Souza (2014, p. 5), "em formações discursivas e que servirão de base para os gestos

interpretativos". Assim, para esse pesquisador, os leitores já dispõem de papéis principais nesses processos de leituras e interpretações.

Entretanto, não se pode considerar ser apenas de exclusividade dos leitores, os meios em que vivem também lhes influenciam. Assim, em sala de aula, o aluno terá ajuda dos professores, isto é, esses educandos, enquanto leitores, sempre serão interpelados conforme seus contextos (TRAVAGLIA, 2013). Dessa forma:

É pela interação entre o produtor do texto, o texto (incluindo suas condições de produção) e o leitor que o sentido se realiza. Assim sendo, inferimos que a leitura é um processo dialógico e intertextual muito mais amplo e abrangente do que a simples decodificação de um enunciado, pois, além da competência linguística para decodificar o texto, o ato de ler implica o aspecto interativo da linguagem (ROMÃO; PACÍFICO, 2006, p. 27).

Romão e Pacífico (2006) consagram que os leitores, no ato de suas leituras, já realizam interpretações, se posicionando na postura de "autor" também. Já que eles interagem através dos textos, de acordo com seus contextos sociais, históricos, como também de seus repertórios linguísticos. Dessa maneira é que se dão as interpretações de textos.

Assim, o termo *leitura* pode ter múltiplos significados e pode ser entendido de diversas maneiras. Quanto à Análise do Discurso, essa percebe a leitura como aquela que tem atribuições de sentidos, visto que são os alunos, na condição de leitores que - no ato da leitura - começam a ter suas próprias interpretações e atribuições de sentidos ao que estão lendo, ou, até mesmo, ouvindo. Ou seja, essas interpretações e atribuições são percebidas também nas escritas e oralidades dos educandos, através de relações que envolvem aspectos históricos, ideológicos e sociais (BAKHTIN, 2000).

Acerca deste ponto, pode-se compreender que as atribuições de sentidos em textos podem ter variações, mesmo sendo apenas um texto, terá essa ampla variação, conforme Orlandi (2012, p. 14), desde que foi denominado como "leitura parafrástica". Essa se caracteriza através de reconhecimento, a níveis reprodutivos, de sentidos, e que servirá de suposição achar que é decorrente do texto. Isto é, que seja do texto e de atribuição do autor e também o que é

denominado de leituras polissêmicas, definidas por suas múltiplas atribuições de sentidos aos textos (MARCUSCHI, 1997). Assim:

A leitura parafrástica dá-se por meio de repetição de saberes, na reprodução do conteúdo do texto, como se houvesse um único sentido. Assim, leitura e interpretação fazem-se como se o texto contivesse um significado, sendo tarefa do leitor/aluno ler e encontrar esse sentido. Essa é uma triste realidade que infelizmente acontece muito dentro das salas de aula, não somente nas aulas de Língua Portuguesa. Vemos, principalmente nos livros didáticos, que a maioria trabalha no nível da paráfrase, não abrindo, assim, espaço para reflexão do aluno como sujeito leitor (SOUZA, 2014, p. 06).

Conforme a citação anterior, nesse modelo de aula, focado em entendimentos de textos, os professores recorrem a questões, em atividade ou na leitura, como: "o que esse texto ou o autor quis dizer?", "qual a é a ideia central do texto?" ou "existem quantas ideias no texto?", entre outros exemplos. Muitas vezes, os professores também solicitam aos educandos para apenas localizar as respostas corretas no texto e ou reconhecer alguma coisa ou objeto (TRAVAGLIA, 2013).

Isso é percebido de maneira negativa, pois esse tipo de aula se baseia, muitas vezes, a partir de livros didáticos e de estratégias didáticas que deixam os alunos trabalhando nos níveis de paráfrases, não abrindo espaços para as reflexões dos alunos enquanto leitores, capazes de sínteses interpretativas (BENTES, 2018). Por outro lado, a leitura polissêmica se dá:

[...] por meio de um deslocamento de sentidos, ou seja, um determinado texto possui vários sentidos possíveis, e cabe ao leitor, sob determinadas condições de produção, atribuir esses sentidos. Quando esse tipo de leitura é proporcionado ao aluno, este não irá buscar um único sentido ou o que o autor de determinado texto quis dizer, mas atribuirá diversos sentidos ao texto, que, com certeza, não serão os mesmos dos outros alunos, pois cada um interpretará de acordo com o contexto histórico e ideológico que lhe determina (SOUZA, 2014, p. 06).

Assim, esse tipo de leitura polissêmica sempre será o oposto da leitura parafrástica, visto que a diferença das duas se dão em aspecto teórico e prático. Diferente desta, a leitura parafrástica preservará os sentidos e apenas os repete, mantendo sempre o mesmo sentido. Reiterado pela atividade do professor que

limita e demarca as possibilidades de interpretar dos alunos, ficando ao nível mecânico e reprodutivo (BAKHTIN, 2000).

Na leitura polissêmica, o leitor-aluno rompe os discursos textuais, realizando uma interpretação com múltiplos conhecimentos. Nessa leitura, o texto tem sua interpretação aberta para vários sentidos. No entanto, alguns pesquisadores, como Travaglia (2013), destacam que muitas escolas acabam inibindo os seus alunos/leitores desses processos de leitura e interpretação através da Análise do Discurso com metodologias que não dão essa liberdade de construção polissêmica.

Isso afeta os próprios processos interlocutivos, nos quais os educandos e os educadores trabalham unidos nas construções de seus conhecimentos (BAKHTIN, 2000). A tirinha a seguir consegue colocar como questão a interpretação polissêmica contida nos textos, contos e histórias:



Figura 03: Exemplo de interpretação e leitura polissêmicas.

Fonte: Costa, 2019.

Através dessa tirinha, percebemos que a possibilidade de interpretação polissêmica se deve às próprias estratégias de referenciação, que não deixam claro (propositadamente ou não) o referente do clítico 'a'. Tais estratégias podem ser usadas para a construção de textos humorísticos, artísticos, entre outros. O que não deve ocorrer é a elaboração de textos ambíguos de forma inconsciente pelo estudante, que precisa estar ciente das construções que originaram a multiplicidade de interpretações.

Desta maneira, os processos de leitura e interpretação são importantes nas atividades e aulas de língua portuguesa e literatura, tanto no ensino básico quanto no ensino superior. Pois é preciso ter atenção na formação dos futuros formados dessas áreas do conhecimento, não sendo apenas reprodutores de saber, mas que consigam transcender as abordagens tradicionais (SOUZA, 2014).

Assim, conforme a Análise de Discurso, as leituras são produzidas conforme os contextos sociais e históricos, nos quais os alunos/leitores estão inseridos, levando sempre em consideração as ideologias e as maneiras pelas quais foram produzidas as leituras, visto que afetarão suas interpretações (ORLANDI, 2012).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Na análise aqui empreendida, podemos notar a importância da Análise do Discurso aplicada no ensino básico, a partir de leituras e interpretações de textos jornalísticos, através da leitura polissêmica e parafrástica. Além da aula realizada, na qual foi tratado o conteúdo a respeito dos textos polissêmicos e parafrásticos, foi aplicado um questionário, composto por três questões de múltipla escolha, isto é, cada questão tinha cinco possíveis respostas, porém, com apenas um gabarito.

Por conseguinte, esse questionário foi aplicado em uma turma do ensino médio, mais precisamente, do 1º ano 'A'. O questionário foi aplicado para 20 alunos e todos responderam às questões, como será destacado na tabela a seguir. Um dos grandes objetivos do questionário, além de saber se os alunos acertaram ou não, foi perceber se eles conseguem identificar aspectos polissêmicos e parafrásticos em um texto, ainda que estejamos defendendo, aqui, a importância da polissemia como estratégia de leitura mais eficaz.

Ainda, o texto selecionado para trabalhar o questionário foi, como detalhado na seção da Metodologia, "A mágoa do mago". Esse texto traz muitos aspectos polissêmicos e parafrásticos, aludindo ao conhecido escritor brasileiro: Paulo Coelho. Além de usar vários jogos de linguagens, o texto em questão

mostra a relação do escritor com seus críticos. Porém, sua contribuição maior está em usar uma escrita com metáforas e palavras que, às vezes, fogem de seu contexto oficial, mesmo para um texto jornalístico, como, por exemplo, chamar o autor de Mago e outros (O GLOBO, 2022).

Quanto ao questionário em si, ele ficou da seguinte maneira, a “Atividade 1” trata o seguinte tema: “Depois de realizada a leitura e através da Análise do Discurso, destaque qual é a proposta do texto jornalístico”. Com as opções de múltipla escolha: a) Jornalismo Científico; b) Jornalismo Investigativo; c) Jornalismo Policial; d) Jornalismo Esportivo; e) Jornalismo Cultural e Literário. Sendo a letra “e)” a resposta certa.

A questão “Atividade 2” questiona o seguinte: É possível perceber alguma característica polissêmica no texto? Para responder essa pergunta, os alunos tiveram como opções: a) Não é possível perceber polissemia; b) Esse texto não tem nada de polissemia; c) Esse texto é erudito e sem figura de linguagem; d) Esse artigo é científico e teórico; e) Esse texto é polissêmico e um bom exemplo de escrita. Importante destacar que os estudantes já teriam sido apresentados ao conceito de polissemia, de homonímia e de paráfrase. E a resposta certa seria?

Já a questão “Atividade 3”, pretendeu analisar se os alunos conseguiriam encontrar aspectos parafrásticos no texto, para tanto, foi lançada a seguinte indagação: Podemos encontrar aspectos parafrásticos no texto jornalístico? Para responder essa pergunta, os alunos tiveram as seguintes opções: a) Esse texto não tem nenhum aspecto parafrástico; b) O texto em questão é apenas erudito; c) De longe, esse texto jornalístico é acadêmico e assegura uma linguagem culta; d) trata-se de um escrito sem aspectos de polissemia e paráfrase e) Por se tratar de um jornalismo cultural e literário, esse texto vem sobrecarregado de aspecto parafrástico. A seguir, a Tabela 01 destaca todos os dados recolhidos em cada atividade dos alunos:

Tabela 01: Atividades, questões, acertos, número de alunos e acertos por alunos.

<i>Entrevista</i>	<i>G1</i>	<i>Resposta Certa</i>	<i>Nº de Alunos</i>	<i>Acertos</i>
-------------------	-----------	-----------------------	---------------------	----------------

<p>Atividade 1: Depois de realizada a leitura e através da Análise do Discurso, destaque qual é a proposta do texto jornalístico.</p>	<p>a) Jornalismo científico b) Jornalismo investigativo c) Jornalismo Policial; d) Jornalismo Esportivo; e) Jornalismo Cultural e Literário.</p>	<p>e</p>	<p>20</p>	<p>18</p>
<p>Atividade 2: É possível perceber alguma característica polissêmica no texto?</p>	<p>a) Não é possível perceber polissemia; b) Esse texto não tem nada de polissemia; c) Esse texto é erudito e sem figura de linguagem; d) Esse texto é polissêmico e um bom exemplo de escrita; e) Esse artigo é científico e teórico.</p>	<p>d</p>	<p>20</p>	<p>20</p>
<p>Atividade 3: Podemos encontrar aspectos parafrásticos no texto jornalístico?</p>	<p>a) Esse texto não tem nenhum aspecto parafrástico; b) Por se tratar de um jornalismo cultural e literário, esse texto vem sobrecarregado de aspecto parafrástico. c) O texto, em questão, é apenas erudito; d) De longe, esse texto jornalístico é acadêmico e assegura uma linguagem culta; e) Se trata de um escrito sem aspectos de polissemia e parafrásticos.</p>	<p>b</p>	<p>20</p>	<p>17</p>

Fonte: Autoria Própria, 2022.

Assim, na “Atividade 1 - Depois de realizada a leitura, e através da Análise do Discurso, destaque qual é a proposta do texto jornalístico”, a resposta correta seria a letra “e) Jornalismo Cultural e Literário”, sendo que, dos 20 alunos que responderam, 18 acertaram, 2 erraram. Das duas questões marcadas erradas

uma sinalizou como “d) Jornalismo Esportivo” e outra como “b) Jornalismo investigativo”.

Na “Atividade 2, é possível perceber alguma característica polissêmica no texto?”, buscou-se questionar os alunos, para fazê-los reler o texto e colocar os estudos em prática. A questão correta foi a letra “d) Esse texto é polissêmico e um bom exemplo de escrita”, dos 20 alunos que responderam, todos os 20 acertaram.

Agora, quanto à “Atividade 3: Podemos encontrar aspectos parafrásticos no texto jornalístico?”, parte de outro pressuposto indagativo. Nessa questão a resposta correta é “b) Por se tratar de um jornalismo cultural e literário, esse texto vem sobrecarregado de aspecto parafrástico”, dos 20 alunos que responderam, 17 acertaram. Assim, tendo 3 alunos errado a questão. Sendo assim, 2 alunos marcaram erradamente a letra “a) Esse texto não tem nenhum aspecto parafrástico” e um marcou letra “e) trata-se de um escrito sem aspectos de polissemia e parafrásticos”.

Assim, ao todo, das três questões de múltipla escolha e dos 20 alunos, apenas 5 questões foram marcadas como erradas. Apesar de terem sido 5 questões sinalizadas erradamente, dos 20 alunos, apenas 3 erraram esse questionário. Dois dos alunos erraram 2 vezes e um dos alunos errou apenas 1 vez.

Desta maneira, quando questionados pelos seus erros ou a razão que os levou a selecionar a opção errada, alegaram: 02 dos alunos por distração e 01 dos alunos marcou errado. Assim, se os alunos, na hora de responder, tivessem focados nas questões, poderiam ter, juntos dos outros, gabaritado o questionário e deixado 100 no acerto total dos alunos. Também, ficou evidente que os alunos conseguem ter compreensão de textos polissêmicos e parafrásticos.

As respostas dos questionários revelam, em sua maioria, que os estudantes desse nível de ensino da escola selecionada para a pesquisa conseguem identificar a estratégia da polissemia e conseguem perceber que tal estratégia também está presente em textos jornalísticos. Cabe a uma pesquisa

futura tentar identificar se esses estudantes conseguem compreender a polissemia construída pelo autor, já que, para isso, eles precisam de alguns saberes que extrapolam o campo da língua, como conhecimento de mundo, bagagem sociocultural, conhecimento histórico, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa conseguiu responder seu problema e objetivos, tanto geral quanto específicos. Ainda, o estudo de campo com a entrevista auxiliou nas considerações deste trabalho de conclusão de curso. Também, a metodologia utilizada favoreceu na aplicação e no desenvolvimento da pesquisa. Quanto às referências utilizadas, todas estão disponíveis para acesso livre na internet e fortaleceram nos debates do tema proposto. Assim, ficou claro que o ensino de Leitura revela que é a partir dela que os conteúdos vão sendo sedimentados e que o processamento do que se considera 'aprendizagem' acontece. O ato de ler auxilia nos processos aquisitivos de informações, melhora a escrita e ainda contribui para que o estudante traga reflexões acerca de suas próprias leituras.

Percebemos, assim, que a escrita e a leitura são importantes para a aprendizagem dos alunos do ensino básico. Ao aplicar as atividades com os alunos, foi percebido que poucos deles erraram, isto é, de 20 alunos, apenas 3 erraram a atividade. Entretanto, nenhum deles zerou a atividade, apenas um errou 2 vezes e dois alunos erraram 1 vez cada. Nesse sentido, entendemos que, ao ser desafiado a partir do ensino da leitura e do estímulo a múltiplas interpretações, o estudante consegue perceber aspectos polissêmicos dos textos e realizar operações parafrásticas. É claro que é necessário que isso tudo dependa da postura do docente que, ao invés de impor uma interpretação única, estimule as várias possibilidades semióticas do aluno, possibilitando que ele se torne um autêntico leitor, com autonomia e criticidade. Partindo da leitura polissêmica, por exemplo, pode-se dar aula a partir da intertextualidade, que se define como aquilo que usa textos de várias áreas, podendo ser escrito implícita ou explícita. Sendo opostas, neste caso, a leitura polissêmica e a leitura parafrástica são ótimas como metodologias a serem usadas em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Cristiano. A leitura na escola: entre o parafrástico e o polissêmico. **Revista Veritas**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4823/1/A%20leitura%20na%20escola%20-%20Veritasv1n1.pdf> Acesso em: 07 jun. de 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENTES, Anna Christina. Linguagem oral no espaço escolar: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. **Anais - CONEDU, VII Congresso Nacional de Educação**, 15, 16 e 17 de outubro de 2020.

Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA15_ID3973_21092020094612.pdf Acesso em: 01 de agosto de 2022.

CARCAMO MORALES, Benjamín. A análise do discurso multimodal: uma comparação de propostas metodológicas. **Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C.**, vol.31, n.2, pp.145-174., 2018. Disponível em:

[www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-338X2018000200145&script=sci_abstract&tlng=pt)

[338X2018000200145&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-338X2018000200145&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 04 de ago. de 2022.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Dossiê os Estudos Pêcheutianos Hoje, Ling. (Dis)Curso**, v. 19, n. 1, jan-apr, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/rRz87WNqCqHL9rbY3GrbPHq/abstract/?lang=pt>

Acesso em: 04 de ago. de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola. 2019.

MAGALHÃES, Anderson. **Pensadores da análise do discurso: uma introdução**. Jundiaí: Paco Editora, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1.o e 2.o graus: uma visão crítica. **Revista Trab. Ling. Apl.**, Campinas, v. 30, n. 01, p. 39-79, Jul/Dez de 1997. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/381346036/Marchuschi-Concepcao-de-Lingua-Falada-nos-Manuais-de-Portugues-pdf> Acesso em: 11 de março de 2022.

MEDIOTTE, Elias; EMMENDOERFER, Magnus; OLIVEIRA, Guilherme. A Polissemia da Governança Pública nos Estudos do Turismo: Uma revisão sistemática. **RTA**, v. 31, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/166328> Acesso em: 04 de agosto de 2022.

MOURA, Edite. Leitura na educação de jovens e adultos: paráfrase e polissemia. **Anais - GELNE**, Psicolinguística, 2002. Disponível em: www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2002/artigos/03_psicolinguistica/artigo05.pdf Acesso em: 02 de jun. de 2022.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Era uma vez uma outra história: leitura e interpretação na sala de aula**. São Paulo: DCL, 2006.

SOUZA, Daniela. O processo de leitura e interpretação nas aulas de língua portuguesa à luz da análise do discurso. **Revista UOX**, v. 2, n. 2, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. Gêneros orais - conceitos e caracterização. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1., Uberlândia, EDUFU, 2013. Disponível em: www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf Acesso em: 11 de março de 2022.

VITALI, Marieli *et al.* Prumo, Guyton e caminho: polissemia da saúde na perspectiva dos estudantes universitários. **Rev. CEFAC**, v. 21, n. 6, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/6vGwWSV36NHpRdB3LfN9mpM/abstract/?lang=pt> Acesso em: 04 de agosto de 2022.

ANEXOS

Atividade de Análise do Discurso a partir de um recorte jornalístico. Sendo o jornal "O Globo - Segundo Caderno - Página 1", escolhido como base para as atividades.

Como será destacado na imagem a seguir, o Segundo Caderno traz notícias literárias e trata sobre o escritor brasileiro Paulo Coelho. O texto a ser usado (A mágoa do mago) fala um pouco do livro publicado por Paulo Coelho e destaca algumas relações suas com críticos literários.

Figura 01: texto extraído do jornal O Globo, intitulado: A mágoa do mago.

O fenômeno espiritual que dá título ao novo livro de Paulo Coelho, "O Zahir" — lançado ontem em todo o mundo — é uma idéia extraída de Jorge Luis Borges, num conto homônimo. O inquietante Banco dos Favores, através do qual o protagonista, um escritor, trava suas relações com a fama, é uma idéia célebre de Tom Wolfe, em "A fogueira das vaidades". A parábola de Fritz e Hans, num mundo dominado pelo Reich, é pinçada de "Ishmael", de Daniel Quinn. O conceito de "esquecer a história pessoal" para resgatar o saber genuíno é velho conhecido dos leitores de Carlos Castañeda. A esse caldeirão de idéias emprestadas (e creditadas numa nota no fim do livro) Paulo Coelho adiciona suas visões sobre o matrimônio e a infidelidade, passagens autobiográficas mansas, ditos populares, notas de viagem, arroubos confessionais sobre o tédio do *jet set* literário, insultos aos repórteres (retratados como tolos e robóticos) e farpas escolhidas para ferir os críticos. Ante a expectativa de vender oito milhões de exemplares, o escritor, em entrevista por telefone — de sua casa em Tarbes, nos Pireneus franceses — jura que não é feliz. "Sou apenas um guerreiro que vive um dia após o outro."

Fonte: O Globo, 2022.

Esse texto usa uma escrita com metáforas e palavras que as vezes fogem de seus contextos oficiais, como por exemplo, chamar o autor Paulo Coelho de "Mago" e outros.

- **Atividade 1:** Depois de realizada a leitura e através da Análise do Discurso, destaque qual é a proposta do texto jornalístico.

- a) Jornalismo Científico;
 - b) Jornalismo Investigativo;
 - c) Jornalismo Policial;
 - d) Jornalismo Esportivo;
 - e) Jornalismo Cultural e Literário.
-
- **Atividade 2:** É possível perceber alguma característica polissêmica no texto?
 - a) Não é possível perceber polissemia;
 - b) Esse texto não tem nada de polissemia;
 - c) Esse texto é erudito e sem figura de linguagem;
 - d) Esse artigo é científico e teórico;
 - e) Esse texto é polissêmico e um bom exemplo de escrita.
-
- **Atividade 3:** Podemos encontrar aspectos parafrásticos no texto jornalístico?
 - a) Esse texto não tem nenhum aspecto parafrástico;
 - b) O texto em questão é apenas erudito;
 - c) De longe, esse texto jornalístico é acadêmico e assegura uma linguagem culta;
 - d) Se trata de um escrito sem aspectos de polissemia e parafrásticos;
 - e) Por se tratar de um jornalismo cultural e literário, esse texto vem sobrecarregado de aspecto parafrástico.

